



4560 PENAFIEL
TAXA PAGA

Quinzenário • 18 de Fevereiro de 1995 • Ano LI - N.º 1329 - Preço 30\$00 (IVA incluído)

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

CALVÁRIO

Dramas

UM casal novo apresenta-se hoje com o pedido de acolhimento em favor da mãe. Esta sofreu acidente vascular cerebral, cujas consequências são penosas para quem as sofre e para quem tem de as debelar. Equilíbrio, consciência, reflexos, estão profundamente alterados. Regressou ao estado de infância com todas as exigências desta.

O casal não pode guardá-la nem estar-lhe presente constantemente pois tem de trabalhar. Procuram um lugar onde seja recolhida. Mas, o preço do alojamento pesa demasiado no orçamento deste casal. Não vão poder. E, por isso, nos pedem ajuda.

O problema não se situa na possibilidade de a receber, de a recolher. Temos vagas. O problema está na coerência com o princípio que nos propusemos — atender os mais pobres e sem ninguém. Eis aqui uma situação intermédia entre o rico e o pobre e começa o drama. Eu diria que este é o drama da classe que não sendo da alta também não é da baixa. Se aquela pode resolver materialmente os seus problemas, esta, a de baixos recursos, também tem normalmente quem lhe resolva as situações de aflição: É a assistência, são os particulares. Mas os da zona cinzenta não. Vivem amargurados sem ter quem lhes deite a mão.

Um drama comum e vulgar em tantas famílias. Há qualquer coisa de errado na sociedade que não vem sendo atalhado.

Este casal anda aflito como tantos outros.

O drama é semelhante ao dos casais novos, que desejam arranjar casa. Não têm o suficiente para adquiri-la a pronto. Não são pobres de ir para barracas. Têm pois de recorrer a empréstimos ou alugar residência, o que vem a ser outro drama, pois advém a incapacidade de aguentar os juros e surge naturalmente o desespero.

Paralela é a situação das famílias que pensam e desejam ter mais de um filho, mas não encontram alojamento adequado às domésticas possibilidades financeiras.

É ainda situação igualmente desesperante a de tantos atrasados mentais ou envelhecidos precocemente, na casa dos trinta ou dos quarenta anos, que não sendo jovens também não são idosos e não encontram acolhimento para o seu viver limitado. Esta é mesmo a faixa etária menos protegida, a mais esquecida e abandonada.

No meio termo está o equilíbrio

Porque é que os Lares da Terceira Idade não são mais abrangentes para recolher aqueles que não tendo ainda sessenta anos já são, por vezes, mais incapazes e dependentes do que aqueles que os têm? Será por uma questão financeira?

Diz-se que é no meio termo que está o equilíbrio das coisas. Mas na resposta da sociedade aos homens inválidos, incapazes ou pobres em aflição, o equilíbrio parece estar nos extremos, nos que têm tudo e nos que não têm nada; nos que são ricos ou naqueles que vivem em miséria; nos que ainda são crianças e jovens ou naqueles que já são idosos.

A camada central da sociedade não pode, contudo, continuar a ser ignorada e desprotegida para que seja verdadeiro o ditado: no meio termo é que está o equilíbrio.

Padre Baptista



A triste face da criança espelha a miséria em que vivia

Património dos Pobres

Foi demolido o «casarão» da Misericórdia de Coimbra

RETIRADAS algumas placas que restavam dos anexos, o *caterpillar* demoliu o velho casarão em poucos momentos. Viam-se muitos olhos rasos de lágrimas e muitos corações saudosos. Aquele edifício abrigou muitas centenas de seres humanos nestas últimas dezenas de anos. Não nos admiramos com as lágrimas e com os ais. Os Pobres contentam-se com pouco e prendem

as suas vidas ao pouco que têm.

O edifício estava, já há anos, à espera desta hora. Muito abandonado e sem telhas. Na véspera passámos junto e lamentámos o seu aspecto — de abandono.

Recordamos com saudade os miúdos que iam dali para as nossas Colónias de Férias. Eram os mais endiabrados, mas também os mais acolhedores. Os mais brincalhões e mais disponíveis. As mães carregadas de filhos com gestos de muita gratidão. Recordámos a Tia Rosária, nos últimos dias de vida. Ela que foi

tantos anos tratadora dos animais na quinta do Seminário. Como era humilde e grata pelo bem que recebia!

O casarão foi santuário que Pai Américo pisou muitas vezes. Tinha ali muitos Cristos famintos e sofredores. Fez daquele lugar um encontro pessoal com Deus. Ensaçou muito da sua caminhada em contacto com o Lixo que ali encontrava. Recordo a última vez que ali estive com ele na inauguração das casas do Património dos Pobres que avizinhavam aquele lugar.

Cont. na página 3

TRIBUNA DE COIMBRA

Viuvez inesperada

O Rui anda de colo em colo. Agora, é o nosso mais pequenino. Com 18 meses veio, sorrateiramente, destronar o nosso Carlitos, em boa hora. A sua vinda veio enriquecer a família numerosa que somos. Uma criança faz-nos sempre estremecer; cai o coração aos pés, quando ela nos estende os braços, por não ter lugar ou família em condições. É o que acontece com o pequenino Rui.

Há muito que acompanhava o drama daquela mãe, viúva há poucos meses, e que ficou com 8 filhinhos todos pequeninos ao seu cuidado numa casa que habitava em troca da prestação de alguns serviços domésticos ao rendeiro. A viuvez inesperada e a iminência do despejo fizeram-na recorrer aos serviços sociais e, por eles, a nós. Depois, foi um assumir pessoal do caso com a promessa de ajudar a criar o Rui e mais três que com ele vieram, um dos quais a caminho dos 14 anos e sem escola de proveito em ano algum. Como ele é carinhoso para com o mais pequenino! Lição maravilhosa de amor fraterno! Mas lá ficaram mais 4 crianças,

todas meninas, que aguardam também um acolhimento capaz de as perspectivar para uma vida digna. Permanecer ali, representaria um perigo moral e social a níveis que infelizmente todos bem conhecemos. Realmente a vida desta pobre mulher corria dura com este encargo todo, sozinha. Uma casinha foi, até certa altura, um sonho lindo para ficar com os seus meninos junto de si. Tanta criança; tanta família despovoada em belas casas; uma casinha, era um sonho justo. Mas nós bem sabemos, por outros que temos, que nem a família mais próxima quer assumir. Geralmente é sempre assim, ninguém quer assumir. Toda a gente acha que tem problemas que cheguem. Estamos longe dos valores da solidariedade, hoje, demasiado apregoados e tão pouco presentes.

Não sei como seria aquela mulher capaz de criar sozinha tantos filhos. Nem como seria possível, num meio tão marcado por problemas sociais de toda a ordem, sobretudo no que concerne à violência e abusos exercidos sobre menores, ela encontrar uma porta aberta. Abriu-se a nossa porta como solução. Outras se vão abrir àquelas

outras crianças que lá ficaram.

A jeito de desabafo, determinada assistente social segredou-me que certo magistrado de Justiça de Menores ficou admirado com a atitude da mãe ao desligar-se do seu menino de 18 meses, invocando argumentos muito plausíveis, mas sem soluções à vista. De soluções é que precisamos. Às vezes não serão as ideais. Mas num mundo de discussões brilhantes o mais importante são as soluções que vão de encontro aos problemas concretos, e essas nem sempre fáceis de encontrar.

A mãe do Rui não enjeitou os filhos, nem na geração nem no nascimento nem na criação, é um facto. Por aquelas nove crianças — são nove — acolhidas no meio de muitas dificuldades, rejeições e até de um certo escárnio — muitos Pobres não sabem evitar os filhos — ela merece a nossa ajuda e apoio.

Quando ela me telefona a saber dos seus meninos não esconde a verdade que busca ansiosamente: — Como estão os meus meninos? — Lindos e felizes...!, respondo, não sem o desgosto de não lhe o poder mostrar.

Padre João

Conferência de Paço de Sousa

CASAS — Nos últimos fins-de-semana temos tido uma equipa, polivalente, ocupada na implantação duma rede de saneamento (e respectivos sanitários) num conjunto de três moradias do Património dos Pobres, porque a médio prazo não se vislumbra, no sector público, luz no fundo do túnel. É assim por quase todo o País, pois o saneamento é obra que não dá nas vistas.

Agora, fazemos uma prospecção e escolha de ocupantes para uma casa geminada, reconstruída, na qual se investiram centenas de contos. Tivesse ela dois/três quartos... a dita escolha seria mais fácil.

Curiosamente, em breve nota num diário titulada «40 mil famílias portuguesas sem casa» (segundo o articulista «nova contabilidade da falta de habitação»), e na «cerimónia de assinatura dum protocolo para a construção de 60 habitações a custo controlado», um ministro comentou: — *O aspecto mais depressivo desta realidade é a aceitação pública que foi sendo feita deste fenómeno.*

Autocrítica que também levanta o véu, sobretudo à histórica inacção e/ou ineficácia do Estado — a todos os níveis. Cujo problema, de facto, é demasiado grave para se meter a cabeça na areia...

PARTILHA — Assinante 9790 com «uma pequenina ajuda em cheque, por uma intenção particular»: 5.000\$. Mais três mil, «com desejos sinceros de muito boa saúde e a Graça de Deus». Que bem! É do Porto, rua António José da Silva.

Agora, vem lá uma Lúcia, da Maia, testemunhando a sua longa acção vicentina, aqui e também em África. «Desculpem a caligrafia, mas tenho quase 88 anos.» Riqueza espiritual acumulada!

Mais vinte, de Fiães, «habitual migalhinha mensal». Idem, de «Manel de Braga», para «as viúvas». Dez mil, da assinante 9708, «como de costume para ajudar a liquidar a conta da farmácia». Pequenina «contribuição da Avó dos cinco netinhos» — de Setúbal. A vultosa «partilha mensal, com saudações fraternas e muita amizade», de «uma Assinante de Paço de Arcos». Há tantos anos!

«Uma portuense qualquer» presente, «neste primeiro mês do novo ano, com uma migalhinha de 5.000\$00 para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Peço ao Senhor continue a abençoar todo o vosso trabalho a favor dos Irmãos carecidos, que são tantos!»

Uma carta cheia de Luz e de muita vida: «Nasceu, hoje, a minha primeira bisneta. Pela felicidade, saúde e protecção divina, não só para ela como para todos os bebés do mundo, envio um pequenino donativo para outros que protejam!» Assina: «uma 'Bis' muito contente e agradecida a Deus».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Pelas CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

OBRAS — A cozinha e a copa já estão a funcionar. Também as paredes picadas foram rebocadas e algumas pintadas. No primeiro andar as obras continuam; em breve toda a zona estará pronta.

GADO — As vacas dão muito leite que saboreamos ao pequeno-almoço e, aos sábados, à merenda. Duas porcas deram à luz, cada uma sua ninhada de leitões. Esperamos que cresçam depressa para a matança.

AULAS — Começou o segundo período. Que seja melhor do que o primeiro, pois este correu mal para alguns rapazes. Houve já testes, que representam mais trabalho para os estudantes. Todos eles tenham um bom período.

OFERTAS — O Continente fornece muitas coisas para a nossa Casa. Até o pão, agora, é todo do Continente. Menos trabalho para o nosso padeiro. Têm vindo muitos bolos. Também um amigo, de Torres do Mondego, deu fruta do seu laranjal que é uma parte da nossa sobremesa.

RETIRO — Os rapazes mais velhos, nas férias do Natal, fizeram um Retiro na Casa de férias do Tojal. Todos gostaram de participar neste encontro com Deus.

Frederico

PAÇO DE SOUSA

ESCOLA — É boa para todos nós. Sem ela, muitos não terão o seu futuro garantido. Mas estamos preocupados com o estudo.

MATRAQUILHOS — São um grande divertimento para os rapazes. Por isso, logo de manhã, dirigem-se para o salão. Agora, têm mais tempo para jogar porque dantes era só aos fins-de-semana.

VISITAS — Estamos no Inverno e, até por isso, não deixam de nos visitar! Gostamos que venham a nossa Casa aos domingos. Dão-lhe um aspecto agradável, os senhores e senhoras de várias localidades, que se interessam por todos nós, a observar a nossa Aldeia.

OBRAS — Há sempre qualquer coisa em que é preciso meter mãos a obra. Neste momento modificam uma casa em mau estado. Já colocaram vidros; agora põem grades nas janelas para que os vidros durem mais tempo.

Por fim, será a caiação das paredes.

«Spock»

POMAR — O nosso pomar tem outro visual devido às árvores de fruta que foram plantadas, depois de tirarmos as velhas. Os animais que se encontram no pomar, também ficaram contentes com a sua nova casa — uma boa gaiola. Assim, as aves já se podem reproduzir melhor.

«Nhanha»

OFERTAS — Mais uma vez agradecemos tudo o que nos dão. O nosso muito obrigado.

AGRICULTURA — O «Meno» tem preparado os campos de erva para que ela possa crescer bem. Na horta, sr. Alvaro e os ajudantes preocupam-se com os viveiros de couves, cebolas, etc.

FUTEBOL — Não podendo contar com alguns habituais elementos da equipa, jogámos fora e acabámos por sofrer a segunda derrota e, por coincidência, com a mesma equipa que nos venceu a primeira vez: o F. C. da Calçada. Um jogo muito difícil, devido ao mau tempo. O adversário aproveitou a força que tinha, maior do que a nossa, e ganhou por 6-3, resultado que já foi esquecido. Melhores dias virão.

No dia 5 de Fevereiro, os iniciados, depois de muitos meses parados, realizaram o primeiro jogo da época 94/95 e venceram com mérito uma equipa de Mouriz (Baltar) por 4-2. Boa entrada no campeonato.

«Banana»

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Das nossas reuniões, ao dar conta da visita aos mais necessitados: O casal Alexandre relata, com tristeza, a aflicção em que se encontra a Zé. O marido é bastante doente e não pode trabalhar. Por isso, não resiste e vai até a loja e bebe para esquecer o sofrimento. Enquanto o faz, as recordações reaparecem e conversa quase choramingando. Foi assim que os vicentinos o encontraram. Fala e fala das dúvidas, das

suspeitas, e desconfianças da mulher e dos filhos, e ele sem nada poder fazer.

A mulher é o único sustento da casa. Quando regressa estão todos e tudo à espera dela. Sozinha, chora e desabafa: «Vejam a minha vida! Tinha esta máquina de lavar roupa. Velhinha, era a minha companheira. Lavava a roupa de nós cinco. Era a minha ajuda. Foi uma vizinha que ma deu. Para reparar só uma peça custava tanto como a máquina! O que eu ganho, mal dá para nós. O que vai ser mim!?»

De regresso, os vicentinos abordaram uma oficina de reparações. Explicaram. E o senhor concluiu: «Olhe, não vale a pena. Fica mais cara a reparação do que comprar uma nova».

O tesoureiro verificou as contas e não lhe podemos valer. Atravessamos um período de dificuldades para satisfazer as necessidades daqueles que ajudamos. Os Amigos que nos lêem talvez possam ajudar a Zé.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Anónima, cinco mil escudos, «para ajudar o que for mais urgente». Dois mil, de A. Ramos. Mais cinco, doutro anónimo. Anónima, de Gondomar, dez mil. Assinante 32436, três mil. De A. Silva, Coimbrões, dois mil. Dois mil e quinhentos, da assinante 7018. Cem mil, de R. Magalhães.

A todos o nosso muito obrigado pela ajuda que dão aos Pobres.

Adelaide e Zé Alves

Notícias de Moçambique

O GAIATO — O cacifo, no correio, encheu-me o coração de alegria: estava repleto! Três edições do nosso querido Famoso! E eu que, tristemente, comunicara, via fax, ao nosso Júlio Mendes, que não rece-

bíamos o jornal desde Outubro/94.

Muitas vezes temos sede, não de água, mas de notícias da nossa Família. E, quando chegam, devoramo-las com sofreguidão, quais «bebés» sedentos. Por falar em bebés: o Emanuel e o Lucas vão de vento em popa. Que Deus continue a derramar Sua bênção sobre eles. São tão queridos! Não há quem resista a tanta beleza.

MALÁRIA — Vulgo paludismo, tem apoucado a malta. Tia Preciosa lá vai cuidando, deles com seu carinho e desvelo peculiares. Atarefada, mas sempre alegre e bem disposta. Que o Senhor lhe dê a força necessária para se manter em forma.

ESCOLA — Vão começar as aulas, em Fevereiro, e preparamos tudo para que nada falte, dentro das nossas possibilidades. O passado ano lectivo não foi mau.

MACHAMBA — Vai produzindo com os cuidados do nosso Padre José Maria e da Eng.^a Blanca.

Perdeu-se muita cenoura, semeada, mas nova renessa foi colocada na terra. Esperamos melhor produção. Não se dá descanso aos machambeiros! A cultura é tratada com muito carinho e dedicação, pois a chuva vai rareando. Por falta de água, a cebola foi pouca. O milho cresce bem. Deus permita não aconteça com o nosso, o que aconteceu ao milho semeado nas proximidades da nossa Aldeia: secou todo! Tempo muito seco e quente.

Convém que este povo não se esqueça do Senhor. É necessária muita oração, muita fé. Pois, para se ser ouvido é preciso que falemos. Mudos ninguém nos ouve. Já disse aos nossos rapazes que é conveniente que falemos com Deus de maneira que sejamos ouvidos. E se o fizermos, com certeza seremos atendidos. «Batei e abrir-se-vos-á.» Tão simples quanto isto. No entanto, tenho muita fé que a

voz deste povo será ouvida pelo Senhor.

VISITAS — Em 24 de Janeiro recebemos um deputado da Assembleia da República. Almoçou connosco. Ficou satisfeito com o que viu e ouviu. O nosso Padre José Maria fez as honras da Casa. No domingo anterior, dia 22, veio o sr. João e família. O que já vai sendo habitual. Gostam de estar connosco. Nós, também. Sabe tão bem receber visitas de Amigos!

FOTOGRAFIAS — Tia Preciosa é a fotógrafa de serviço. Tirou umas fotos aos «Batatinhas». São uma delícia! Pede para que uma delas fosse enviada para Paço de Sousa, na esperança de que o Júlio Mendes a publique n'O GAIATO.

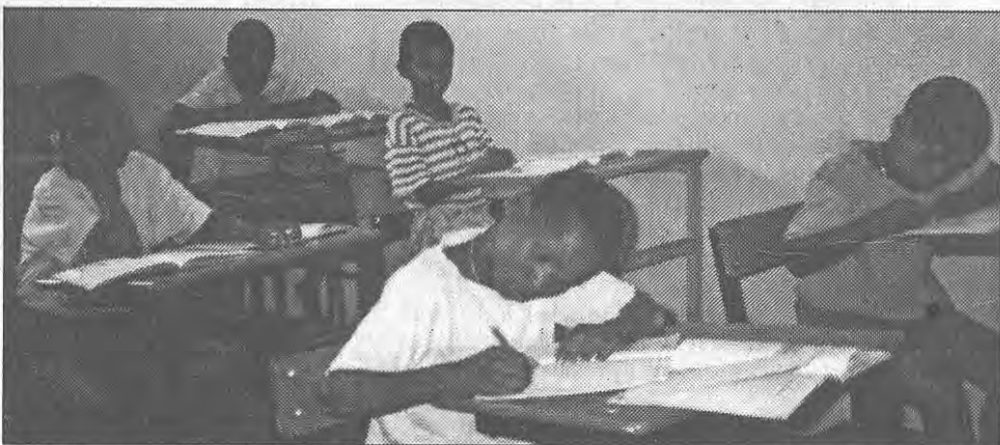
RESQUÍCIOS DA GUERRA — Houve uma pequenina *confrontação* entre os nossos rapazes que precisam de ser mentalizados, pois a guerra já faz parte do passado. Graças a Deus! Estão avisados: ao menor sinal de confronto, os intervenientes serão punidos... A calma já regressou. Isto para que as palavras de Jesus não sejam vãs: «Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei». Verdade sempre actual, deve ser sentida e vivida. Os mais responsáveis da Casa fazem-no e demonstram como é. Ai de nós se não fosse assim! Estamos cá por vontade expressa de Deus. Amamos e respeitamos a Sua vontade. É bom que os rapazes compreendam essa opção. Não temos objectivos de carreira. E, por falar nisto: outro dia, na cidade, fui contactado por um indivíduo que me queria vender um livro onde ensinava(?) a ter êxito no emprego e noutros sectores. Expliquei que, na Casa do Gaiato, o êxito dos mais responsáveis estava ligado ao de cada rapaz. Sofremos com os transviados e alegamos-nos com aqueles que conseguem vencer na vida. Afinal, somos uma Família. E que bem sabe pertencer a esta grande Família! Eu que o diga.

Rui

Gaiato

Na última edição, O GAIATO saiu com o respectivo número *gralhado*: seria o 1328, não o 1327.

De facto, «as gralhas são o diabo». «No melhor pano cai a nódoa!»



Escola da Casa do Gaiato de Moçambique

Benguela

Tesouro de bondade que é preciso pôr a descoberto

CHEGOU a hora de mais um passo importante na vida da nossa Casa do Gaiato. Com a chegada de numeroso grupo de rapazes que rondam os 13, 14 e 15 anos, há que dar-lhes a ocupação adequada para os tempos livres da escola primária. Está aqui o segredo do recto encaminhamento para a vida futura e duma presença serena e proveitosa para eles no tempo presente. É que chegam sem quaisquer hábitos de trabalho e vida organizada. As primícias do grupo, acolhidas, há uma semana, confirmam esta verdade: no coração de cada garoto esconde-se um tesouro de bondade que é preciso pôr a descoberto. Quanta riqueza perdida pelas ruas e vielas das cidades, só porque falta quem se dê de alma e coração a cuidar destas crianças!

Regozijo pela reactivação da Casa do Gaiato

Esteve de visita, há dias, à nossa Casa, uma pessoa que ocupa um lugar de responsabilidade no seio do povo angolano, a manifestar o seu regozijo pela reactivação da Casa do Gaiato, que veio ocupar o vazio criado pelo sistema político dos anos passados. Quem dera, dizia, obras semelhantes se estendessem por Angola inteira! Ele conhece muito bem quão grave é o problema social deste tipo de crianças. O futuro que esperamos seja de paz ajudar-nos-á a ver com mais clareza a verdadeira dimensão do problema e as soluções várias para ele.

Mais um passo importante

Chegou a hora de mais um passo importante, dizia. É preciso pôr as oficinas a trabalhar, como devem. Ali se não de ocupar os mais velhos, fazendo a aprendizagem duma arte com a qual, um dia, serão lançados na vida. Faltam-me os mestres, entretanto. Terão que ser pessoas estranhas, porque estamos no princípio. Este é o problema mais difícil numa Obra como esta. Tudo e todos os que trabalham em nossas Casas devem concorrer para a educação dos rapazes. É com estas pessoas que eles passam grande parte das horas do dia. Daí o ser este ponto uma preocupação primeira.

Tenho andado, como quem leva uma lâmpada na mão, à procura do homem normal, com conhecimentos profissionais e qualidades humanas, que queira tomar conta desta responsabilidade. Não desistirei, apesar das informações gerais pouco abonatórias, tendo em conta o ambiente degradante em que se vive. Necessitava dum mestre de serralharia, mais outro para a carpintaria. O sector da sapataria e o da alfaiataria ficam à espera um pouco mais de tempo. Temos o mínimo necessário para o arranque. Estas áreas de trabalho, no momento actual, merecem todo o apoio, dada a escassez de artistas nestes ramos e a situação de pobreza e de miséria em que se encontra a maioria da população. Por outro lado, são acessíveis a um bom número de rapazes, sem possibilidades para outras saídas mais exigentes.

Como não há salários que cheguem para comprar o mínimo necessário para o seu sustento, os trabalhadores vão para a «candonga» onde podem ganhar o dinheiro mais facilmente, em prejuízo da sua profissão. Este estilo de vida vem dificultar ainda mais a busca do homem de que necessitamos.

Estamos a lançar milho à terra, a ver se conseguimos aguentar e diminuir um pouco a fome desta gente. A hora em que estou a sair para o Lobito, a fim de pôr o fax que leva habitualmente as nossas notícias, sou assediado por pessoas a pedir comida. Quanta paciência é preciso ter, meu Deus! E os Pobres têm razão! O stock de milho que fomos conseguindo, tempos atrás, acabou. Foi a notícia que me deu, hoje de manhã, o rapaz que cuida desse sector. Mais voltas e muitas mais terei que dar à busca do precioso grão. É que o povo não sabe onde ir buscar, nem tão pouco há dinheiro para o comprar.

Vida cheia de muitas alegrias e de muitas aflições

A nossa vida está cheia de muitas alegrias e também de muitas aflições. Pedimos ao Senhor que não nos falte nunca o equilíbrio necessário para vivermos a penúria desta gente ajudando-a a caminhar.

Bem queria não falar mais desta situação. Mas é impossível, já que ela faz parte também do nosso dia-a-dia. Pôr de parte o que não vos faz falta. Mais: do que vos é necessário ponde de parte o quinhão dos Pobres.

Tem sido comum, agora que a fome é muita, deixar parte da comida dos rapazes para os famintos que esperam à porta da cozinha. Assim, passei por ali, quase no fim da refeição, e disseram-me: — Hoje não houve repetição da comida nas mesas para chegar para os Pobres. São momentos dolorosos que servem para temperar e formar o carácter dos rapazes.

Não temos leite. Esperamos a chegada do contentor que venha aliviar-nos deste pesadelo! Obrigado!

Padre Manuel António

DOCTRINA

Faltou-vos alguma coisa quando vos mandei juntos?...
Do EVANGELHO



VOSSA Reverência, senhor Prior, teve a rara gentileza de querer dar aos pequeninos moradores da Casa do Gaiato uma parte dos ovos recolhidos na Visita Pascal, entre o povo da sua aldeia; e deu em tamanha quantidade que se me afigura ter ficado sem nada para si, como fazem as boas mães aos seus filhos. Quis ainda Vossa Reverência ter tomado à sua conta a maçada de enviar para Coimbra, dentro de uma cesta de vime, a preciosa e delicada oferta; privando-se assim do legítimo prazer de distribuir com as suas próprias mãos, aos miúdos da sua terra, aqueles mesmos ovos que nela recebeu. Nunca vi simpatia feita de tanta renúncia! Tenho cismado muito neste caso insólito e tive um lindo sonho na noite que passou: era um sacerdote sem bagagem a querer entrar para a barca do Céu!

MEU caro Padre, eu já dobrei o cabo dos cinquenta e daqui por diante os anos serão mais curtos. Não que tenham menos dias, mas sim porque nem todos se podem aproveitar. O trabalho não fatiga, mas sim os desgostos; e estes são o nosso trabalho. O meu bom amigo poderia, se quisesse, ser o meu herdeiro, tomando desde já posse da minha fortuna e fazer daquele sonho uma realidade inteira. É questão de conversarmos e ir buscar em seguida a bênção do nosso Prelado. Deixe-se namorar por mim, agora, para ser mais tarde um enamorado dos Pobres.

O nosso capital, bom Padre, é o trabalho da Obra da Rua. Venha mais eu porque é moço e pode trabalhar. «Vai, dá o que tens aos Pobres, segue-Me e topará um tesouro.» Tamanho, que somente depois da posse é que a gente acredita nele! Iremos binos, como os setenta e dois que Jesus mandou, para mais proveitosamente podermos repartir as nossas alegrias e as nossas tristezas. Não vem desbravar terras nem lançar fundamentos; vem continuar e alargar aquilo que já está feito, com igual mérito, proveito e recompensa!

TEMOS a Casa do Gaiato cada vez mais procurada porque melhor conhecida. Temos as Colónias de Campo que nasceram com esporas de ouro e nunca mais as largaram. Temos a mansarda do Pobre onde entramos a toda a hora sem pagar nada a ninguém. Caminho limpo, sem perigo de concorrentes nem nada que nos faça mal. Temos também o Lar do ex-Pupilo, já com os dentes de fora e a dizer tá-tá com graça infantil. A este pode Vossa Reverência dar a mão, por ser o meu filho mais novo e necessitar de maior amparo. Todos os dias batem à porta rapazes despedidos dos Reformatórios, idos outrora de Coimbra, onde de novo regressam. Alguns sem família, outros com ela tão pobre que recusa recebê-los. Venha tomar conta deles, meu jovem levita.

SE quiser gozar a paternidade espiritual e divina de legiões de filhos sem pai, antes de entrar dentro da Obra, há-de deixar as portas por um acto livre de renúncia, tudo quanto tem e tudo quanto é, passando a ser única e simplesmente o discípulo de Jesus. Não se aniquila, liberta-se. Acredite nesta doutrina que é fundamentada no Evangelho. Uma vez assim despojado e somente, então, há-de ver quão ridículo lhe não parece o «quanto vou eu ganhar» — a eterna pergunta da mediocridade!

CUSTA muito, caro amigo. É um passo difícil e de grande decisão; porém, Quem chama ajuda. Com esta renúncia a tudo, vem tudo a multiplicar. As contas que Deus faz são pródigas, nós é que não. Na ordem da Natureza, como ela não põe óbice, é tudo a cento por um; e seria o mesmo na ordem da Graça, se a gente não recalcitrasse como Saulo quis fazer.

VENHA mais eu, bom Padre. Terá mesa posta, cama feita e o vento apanha-lhe a lenha para se aquecer ao lume. Andará de graça nos comboios, nos eléctricos; e nas estradas param os carros para Vossa Reverência entrar. A um leve apito seu, acode o mundo inteiro perguntando o que deseja e tudo aparecerá num instante, desde o A ao Z, desde o alfinete à âncora — cento por um neste mundo.

A seguir, senhor Prior, virá a riqueza que lhe dá o Pobre, «o maior de todos os Bens»: o Pobre a conhecê-lo, a chamá-lo pelo seu nome, a rezar por si, a não ver mais nada no mundo senão a terra que Vossa Reverência calca. E sempre que o veja despontar ao longe, ele, o Pobre, dirá baixinho: «Bendito o que vem em nome do Senhor!» Venha daí mais eu, Padre; entre na barca do Céu!

Padre António

(Do livro Pão dos Pobres — 2.º vol.)

ENCONTROS em Maputo

No primeiro dia

POR uma estranha coincidência fiquei sem horas, logo que cheguei. O relógio parou. Premonição de outros ritmos...

Multidões de gente, na generalidade gente nova. Em grupos, sentados no passeio, deitados debaixo de árvores, a andar sem muitas pressas, a encher transportes diversos, parecendo colmeias que se movimentam, dado que quase não se vê o tipo de carro que os leva.

Maputo enche-nos a vista com as suas árvores. Não fora os montes de lixo em demasia, e a quase certeza de que há muito tempo pararam as obras de pintura e recuperação dos prédios, bem como o arranjo dos passeios, a imagem da cidade parece-nos muito agradável.

O clima invade-me o corpo... Algumas voltas pela cidade e partida em direcção à Casa do Gaiato. Foi o canto, a dança, a alegria e logo Eucaristia, no mesmo ritmo, com as

respostas lentas, lentas, e tudo bem pronunciado.

Rostos que me pareciam todos iguais; e onde começaram as confusões: entre o Bruno, o Jaime, e Daniel e Filipe. Impossível distingui-los! Bem diferente a situação com os «Batatinhas», aqui de Casa: o Emanuel e o Lucas.

Jantar apetitoso, tranquilo, onde o sussurro das conversas nas diferentes mesas contrastava com as sonantes conversas das nossas Casas de Portugal.

O cansaço... Pergunto pelas horas. Eram apenas 21 horas. Assim terminava o primeiro dia.

Padre Manuel Cristóvão

Uma carta

«Quanto mais tempo passa, mais preciso de ler O GAIATO. E vou pensando como têm feito uma Obra tão importante e com resultados que estão à vista de todos sem muitos métodos económicos...

Dá para pensar onde estão as pessoas honestas, porque as há. Será que não convém que elas actuem, podem ser uma «consciência» para muitos e não convém?

Se não houvesse tanta desonestidade e corrupção, como já teriam acabado ou diminuído montes de

problemas que afligem a nossa sociedade! Será uma utopia? Não é...

Assinante 20195»

PENSAMENTO

Os reclamamos que se comprem, e que se procuram, duram tanto como a erva dos telhados!

PAI AMÉRICO

Património dos Pobres

Continuação da página 1

Novas esperanças

A tristeza e os ais dos que lamentam a demolição serão compensados por novas esperanças. Já há anos que esperam. Os habitantes que residiam no casarão e os vizinhos que continuam a viver em miseráveis barracas estão ansiosos que as obras sejam feitas. No mesmo lugar irão subir três prédios para vinte e oito famílias. As despesas, orçadas em 150 mil contos, serão pagas pelo IGHAPE, Comissariado da Luta contra a Pobreza, Misericórdia e Câmara Municipal. Cada habitação há-de ter espaço suficiente, divisões necessárias e sanitários, coisas que nunca tiveram no casarão.

Alegremo-nos com todos os desalojados com a esperança da nova casa. O tio Manuel

que ali viveu 71 anos e a mãe que já também lá nasceu, espera para lá voltar. As saudades da Ana Paula que ali nasceu e casou, não-de transformar-se em alegria. Todos os que tiveram de abandonar o casarão não-de voltar radiantes do bem melhor.

A Conchada, bairro célebre pela pobreza e miséria, pouco a pouco transformar-se-á em lugar decente. Já muito se tem ali feito. As barracas antigas quase desapareceram. Os flexas não-de alindar-se. Todas as casas que já por lá há, terão esgotos em condições. A água há-de chegar a todas as habitações. Os acessos serão dignos. Haverá mais limpeza.

Temos esperança que as novas habitações sejam incremento inovador para o bem de todo o bairro da Conchada.

Padre Horácio

NOTAS DO TEMPO

Dias de paragem

UNS dias de paragem à beira-mar, com sol, sossego e sono satisfeito, deram-me disponibilidade rara para atentar nos acontecimentos dominantes de que os *media* são veículo informativo.

O sol foi uma graça gozada e ao mesmo tempo sugestão forte ao sentimento com as populações da Europa afligidas pelas inundações, pelo risco iminente de uma catástrofe ainda maior à que estiveram sujeitos os holandeses e sofridas na incomodidade das deslocações forçadas e remedeios de emergência, nos prejuízos em saúde e em seus haveres.

O sossego foi a oportunidade deste conhecimento que os meios de hoje, por sobre a distância e o tempo, tornam quase presencial, com a força emotiva e o apelo à comunhão naturalmente resultantes.

Eis um *preço* que deu mais-valia ao sol e ao sossego que me reconfortaram, *preço* que provavelmente não teria *pago* metido no tumultuar do nosso dia-a-dia.

Os meios de comunicação

Os meios de hoje! Como eles tornam tudo próximo, actual! Cada vez mais todos os homens são o Próximo de cada homem. Os progressos da Ciência e das Técnicas, na óptica do Evangelho, responsabilizam incessantemente o Homem por todos os homens.

Aquela leitura de jornal em família (descrita graciosamente, mas com intenção

crítica, por não me lembro que escritor nosso do século passado) em que a notícia de catástrofe em país longínquo provocou um simples *ai!*, a de um acontecimento sem gravidade em terra vizinha gerou já um certo alvoroço e uma ninharia na própria terra foi explosão de pesar — seria hoje imensamente mais crítica.

Que bons aqueles progressos!..., se não forem como um motor em vazio, prisioneiro do seu próprio dinamismo, desviado... ou *esquecido* do objectivo para que foi concebido: o serviço do Homem cuja inteligência o concebeu.

Esta semana na Liturgia das Horas era-nos dado a reler este trecho da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* do Concílio Vaticano II, que não resisto a transcrever:

«A actividade humana, assim como procede do homem, também para o homem se ordena. Pela sua actividade, o homem não só transforma as coisas e a sociedade, mas aperfeiçoa-se a si mesmo. Aprende muitas coisas, desenvolve as próprias faculdades, sai de si mesmo e supera-se a si mesmo. Tal desenvolvimento, se for bem compreendido, vale mais do que todas as riquezas externas que se possam acumular. O homem vale mais pelo que é do que pelo que tem.

De igual modo, tudo o que os homens fazem para conseguir maior justiça, maior fraternidade e uma ordem mais humana nas relações sociais, vale mais do que todos os progressos técnicos. Estes podem fornecer a base material para a promoção humana,

mas por si sós, são incapazes de a realizar.

A norma da actividade humana é, portanto, a seguinte: segundo o plano e a vontade de Deus, deve corresponder ao verdadeiro bem da Humanidade e tornar possível ao homem, considerado individualmente ou em sociedade, cultivar e realizar a sua vocação integral.»

E, em jeito de síntese, lembra este importante documento do Vaticano II que «a autonomia das realidades temporais» (são-no a Ciência e as Técnicas) legítima que é, deixa de o ser quando se perde da referência a Deus e ao Homem.

O Ofício (trata-se de uma leitura inclusa em oração) encerra com esta prece substancial que apanha a ideia e a converte em voto: «Concedei-nos, Senhor nosso Deus, que Vos adoremos de todo o coração e amemos todos os homens com sincera caridade».

«Duc in altum»

Em contraste com a excitação da semana nas áreas da política e do desporto, a Liturgia do domingo convida-nos à paz — a Paz que Cristo trouxe e nos deixou.

Por muito autónomo que se ambicione, o Homem é um *chamado* que se encontrou na vida sem nada ter feito por ela e um *enviado* que, agora sim, deve ser ele mesmo a dar sentido à vida no assumir da missão e cumpri-la.

A pesca extraordinária que o Evangelho relata e Pedro e os Companheiros realizaram

à voz do Mestre — «Duc in altum» — importa menos como milagre do que como aval para a missão que lhes ia ser cometida: «De agora em diante serás pescador de homens. Não temas».

«Andámos na faina toda a noite, Mestre, e não apanhámos nada!» Andaram... por sua conta e risco. Daqui em diante a pesca é outra e outra a garantia de fecundidade. Tão certa, tão segura que, «tendo conduzido os barcos para terra, eles deixaram tudo e seguiram Jesus». E cá andam, dois mil anos depois, outros Pedros, outros Tiagos, outros Joões! Discípulos d'Ele, ministros d'Ele, que não se candidatam nem promovem — simplesmente *chamados* e *enviados*. O Nome d'Ele, a Sua palavra de ordem faz deles «obreiros que vêem a Obra feita antes de começada», como experimentou e confirmou Pai Américo. A Paz que Ele nos deixou e nós tão avessos a recebê-la!

Não poderia ser assim nas sociedades que os homens constroem?...

«A Humildade não é virtude dos políticos» — ouvi, há muitos anos, do homem bom e livre que foi o Dr. José Guilherme de Melo e Castro. Uma palavra transeunte no meio de muitas outras que já não lembro. Esta não esqueci!

«Sem Humildade, nada!» — Embora Pai Américo o tenha dito em directo aos seus continuadores, foi, porventura, uma das suas afirmações mais universais.

Padre Carlos

SETÚBAL

É pelas trevas que se chega à luz

COMO em qualquer família com o mínimo de dignidade, também na Casa do Gaiato, chegado o princípio do mês, dou aos rapazes uma mesada. Na giria deles é o abono!

— *Eh pá, hoje há abono!*

Ontem foi dia de abono. Fim-de-semana e princípio de Fevereiro.

A malta ferve com o «abono». É que ele, apesar de pequeno, como é próprio de quem é pobre e tem o sentido da capacidade de cada rapaz, contém na sua expressão uma forte carga de estímulo.

Aos mais velhos e mais homens dei 2.000\$00. O que são hoje dois mil escudos?!... Quantia quase irrisória para um mês. Apesar disso, eu sei que alguns não o gastam todo, e aforram-no para o dia de amanhã; para uma necessidade sua ou alheia.

A seguir, mil escudos. Depois, fui descendo até 200\$00. Só recebe abono quem é vendedor ou já fez o 4.º ano de escolaridade, ou com mais de 16 anos tem alguma responsabilidade notória na vida da Casa.

Os rapazes são muitos! Só para os «abonos» é necessária uma pancadaria de dezenas de contos!

Eles entram no escritório por ordem. Primeiro, os do Lar e casas a seguir: casa 2,

depois casa 3 e finalmente casa 4 e casa-mãe.

A casa 3 e casa 4 são as de maior reboliço! No escritório há dinheiro à vista.

Para facilitar a contagem e conferência das moedas os rapazes põem nas prateleiras, em montes apurados, o dinheiro da venda. Aquilo está ali mesmo à mão. Montes de mil, de quinhentos, duzentos e cem escudos.

O tropel é grande no escritório, que se torna apertado para tanta gente, facilitando assim a queda na tentação. Se fosse o gabinete do senhor Director, como há desgracadamente em todo o género de assistência aos sem-família, por todo o mundo esta confusão era impossível.

Mas não. O escritório é de toda a gente. Todos se sentem à vontade. A rapaziada comenta entre si os abonos: «Quanto ganhaste?» «Eh pá, eu recebi tanto!»

Estabelece-se assim, entre todos, uma certa corrente enérgica de saudável emulação.

Quem melhor se comporta, quem responde mais generosa e seriamente à responsabilidade, mais recebe. É natural. É justo. É sadio.

Atento a tudo, há muito pormenor que me escapa. Assim, alguns aproveitaram-se da confusão para roubar. É muito bom que os rapazes tenham oportunidades de fazer o mal.

Uma Casa do Gaiato acolhe os rapazes dos piores

ambientes. Ai de nós e deles se não lhes facilitamos ocasiões de se experimentarem.

O Bruno d'Óculos tem caído muitas vezes. Ontem pôs a mão e levou um monte de moedas de 20\$00 e foi gabar-se prá copa: «Eh pá, eu tenho o bolso cheio!»

O Vinagre surripou uma moeda de cem escudos e, para se «safar», denunciou o companheiro à senhora. O Begas mais o António levantaram-se, de noite, para gamarem algum aos colegas, mas eles acordaram e de manhã o António vem com a história de que lhe haviam furtado 2.000\$00.

— De onde veio tanto dinheiro?

— *Foi da minha família.*

Sabe-se já que João Carlos, que é vendedor, lhe devia dinheiro e ontem, após a venda, pagou-lho.

O que faz o abono! O que faz a venda!

Senão fossem estas ocasiões, os gatunos ficavam encobertos. Não é só a «ocasião que faz o ladrão». Ela também o descobre. É pelas trevas que se chega à luz. Com esta gente, muito devagarinho. Ninguém tenha pressa que a Natureza não gosta de pressas. A consciência do Bem e do Mal vai-se formando com a velocidade da estalagmite, no íntimo de cada um. Forçoso é que o puro calcário da verdade e da justiça, misturado com o amor e a lucidez, não deixem de cair.

Peço ao Senhor que não me deixe envelhecer o ideal, apesar da diminuição das forças!

Uma Casa do Gaiato é uma casa de família com portas abertas! Este vai ser o tema das nossas Festas já em adiantada preparação.

Padre Acílio

PASSO A PASSO

Era um caso difícil

O caso estava difícil de resolver! O David e o Telmo andavam obcecados por sair cá de Casa. Não conseguíamos fazê-los compreender que andavam em fugas sem sentido. Assim que os traziam de volta, fugiam de imediato. Nós nunca os prenderíamos! «Somos a Porta Aberta!»

Falávamos. Procurávamos pôr-nos ao seu nível para que entendessem. Ficavam descalços e *rapados*, mas nada resultava. Iam sempre embora.

Até que em mais um dos colóquios, em nova tentativa, entra pelo escritório dentro o «Tronchuda». Vinha da inspecção militar. Feliz como sempre. Sabe do que se está a tratar e entra na conversa. E diz-lhes coisas simples que nós já disséramos: o não terem casa e pão e escola e, no caso de falta de saúde, quem trate... Tudo dito «como quem brinca»...

Depois fomos dormir. Levava a sensação de que algo de novo sairia daquele encontro.

Veio o dia seguinte, e outros... E o David e o Telmo não voltaram a fugir. Cumpriram o castigo habitual para os fugitivos, durante uns dias de pé no refeitório enquanto os outros comem, e eles no fim! Ficaram. Não mais se

falou em fugas, nem deles nem doutros.

E agora em que mais uma vez vi que a *Obra é deles, para eles, por eles*, fico a olhar o «Tronchuda»... Ele não conseguiu mais que a 2.ª classe por incapacidade intelectual. Também não consegue grandes progressos na aprendizagem laboral. Ajuda na horta, no sapateiro, no serralheiro, na vacaria, os trolhas, o motorista, etc., e não tem capacidade para trabalho autónomo. Mas tem vontade! Ainda hoje me apareceu um senhor a pedir um impressor para a sua tipografia. O «Tronchuda» ouviu e logo disse: — *Senhor Padre Júlio eu posso ir!*

Ele quer ser «Homem»! As incapacidades naturais dificultam-lhe o crescimento por que anseia. Está a precisar de uma oportunidade, marcada por muita paciência e amizade!...

Frequentemente passa pelo escritório a cumprimentar-me, em horas diferentes: — *Então está tudo bem?!... Respondo-lhe. E depois de falar um pouco mais: — Bem, vou continuar o meu trabalho!... Sai com o seu ar de rapaz-menino cheio de ingenuidade e bondade...*

Que havemos de fazer para ajudar o «Tronchuda»? Estamos a precisar de *uma mão!*

Padre Júlio

OUTRA CARTA

amor por todos os lados.

Sou catequista e sempre tenho falado aos meus alunos sobre a Casa do Gaiato, lendo até algumas notícias e dando-lhes jornais para lerem em casa. Neste

ano, quatro das minhas alunas — por iniciativa delas — angariaram na sua escola, entre os amigos e familiares, umas 'migalhas'. Junto o respectivo cheque.

Assinante 29203»



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 — FAX 753799 — Cont. 500788993 — Reg. D. G. O. 9. 100398 — Depósito Legal 1239